

## O mar inventado na carne

Sônia Machado de Azevedo

Pesquisadora, atriz, professora, consultora e escritora.

Fundação das Artes de São Caetano do Sul

FASCS - Escola de Teatro: consultora de educação continuada.

Teatro Escola Célia Helena: professora de expressão corporal e coordenadora da área de corpo.

Escola Superior de Artes Célia Helena - ESCH: professora de práticas corporais.

Resumo: O texto refletirá sobre a criação cênica e a importância do corpo do intérprete nas artes presenciais, tanto do ponto de vista dos processos artísticos que aí vão se estabelecendo durante a fase de pesquisa e se entrelaçam na forma que vai nascendo e se desenhando a cada ensaio, quanto do ponto de vista da estreita colaboração da luz e do som na ampliação dos modos de se configurar um corpo em cena, um corpo vivo que dialoga com os elementos interiores e exteriores a si mesmo - recordações e imagens internas e o espaço aberto do palco e a luz - e que invade com sua presença ardente a platéia procurando um contato existencial e de oferenda com cada um dos presentes.

Visando examinar, a partir de um depoimento, o corpo do intérprete enquanto oferta arcaica de contato, enquanto oferecimento ao olhar do outro, enquanto acolhimento do “outro” nesse mesmo organismo vivo e recriado pela arte, o texto pretende pensar a dor presente na arte: dor a partir da qual se cria, dor moradora do corpo primitivo, do corpo história e do corpo aculturado e crescido deixando-se invadir e invadindo, perguntando e respondendo no cotidiano e nos terrenos da arte, todas aquelas mudas perguntas pertencentes, ao mesmo tempo a tempos imemoriais e ao tempo presente de cada uma das nossas vidas, das cidades e da civilização humana.

O que intenta o corpo que se coloca em cena nas artes presenciais? O que quem é esse corpo? Quais as modificações que sugere, quais as vias de pensamento nas quais trafega no aqui agora dos espaços onde se apresenta? O que representa se representa? Como diz o que tem que ser dito se é que tem que ser dito? Como habita um espaço que é real e imaginário ao mesmo tempo e qual é esse tempo a ser contado, quais são seus tempos, os do relógio ou os imemoriais que retornam na recuperação que essas artes tornam possíveis? Como apresenta esse corpo seus segredos guardados na energia mais oculta em músculos e nervos, no fundo mais denso dos ossos?

Palavras-chave: Processos de criação, interpretação, representação, teatro-dança, recepção estética.

*Visível e móvel, meu corpo está no número das coisas, é uma delas: preso no tecido do mundo e sua coesão é a de uma coisa. Mas porque se vê e se move, mantém as coisas em círculos ao seu redor: elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas em sua carne, fazem parte de sua definição plena e o mundo é feito do próprio estofado do corpo. Esses deslocamentos, essas antinomias são maneiras diversas de dizer que a visão é tomada ou se faz do meio das coisas, lá onde um visível põe a ver, torna-se visível para si e pela visão de todas as coisas, lá onde, qual a água mãe do cristal, a indivisão do sentiente e do sentido persiste.*

*Merleau Ponty*

Uma mulher, desde sua adolescência, vivendo num hospital psiquiátrico. Outra mulher a imagina desde pequena e cresce sabendo dessa existência oculta. Um dia tem notícias da morte da louca, já muito velha, completamente só, completamente lúcida.

Uma mulher, presa a um hospital vai sendo imaginada no corpo livre de uma adolescente durante décadas e décadas. E essas duas vidas vão se interpenetrando por meio de memórias inventadas, por emoções que se atrapalham em meio à realidade dos dias, sendo depositadas em gavetas cosidas à transparência dos músculos nas telas protetoras da pele, nos pelos, no rasgado mais fundo da carne, nas zonas em que o tempo permanece sempre o mesmo, como se a vida permanecesse ali, imóvel. Naquela carne intangível e intocável presente nos espaços inacessíveis e escuros.

E o guardado se perpetua, ora branco ora ardente, por meio de uma saudade que nem teria esse nome visto que as duas mulheres não se conhecem, não se conhecerão nunca. Mas nem pode ter nenhum outro nome essa emoção a não ser saudade de outras vidas, visto que, para as duas, uma só vida é muito pouco.

E esse duplo que se cola invisível a um corpo que não é o seu, duplo nascido de uma curiosidade de menina, de ouvidos colados nas portas de quando adultos conversavam, de pontas de pés e andares sem nenhum ruído, que se alimenta vida afora de sustos, prazeres, ausências e despedidas, um dia fortemente, dá sinal de si.

E esse dia é um final de domingo, uma tarde morna de um dia que se arrastou como qualquer outro domingo. E que passa a ser o momento do desvendamento onde o que está preso no corpo se manifesta em palavras nas teclas, nas letras e enquanto os dedos intranquilos digitam, as pernas quedam imóveis e inativas frente ao turbilhão de imagens e sensações.

E o que acontece durante o ato de escrever prende-se a uma rede visível de palavras que nasce intempestiva e escorre tela do computador adentro. “Odete inventa o mar” nasceu assim, furiosamente. E embora eu soubesse que teria que escrevê-la algum dia, nesse momento a escrita escravizou meu corpo, corria por dentro e por fora a urgência das palavras, o temor de perdê-las, a necessidade de prendê-las num livro, não deixar que escapassem levando consigo o que ainda nem fora descoberto.

Assim escreveu-se uma história numa sucessão de páginas como são escritas todas as histórias. Mas o primeiro parágrafo foi antecedido de uma imagem muito nítida, uma imagem que foi vista: a casa antiga, recuada da rua, num quintal cheio de coqueiros àquela hora mesmo de uma noite de domingo estava iluminada à luz de velas.

E o tempo passou e passou até que se insinuando entre páginas, levantando-se em meio às linhas e dobras de cada folha o passado ergue-se novamente exigindo velhos resgates.

Muito depois que o livro havia sido publicado ainda havia alguma coisa, uma impressão de que algo precisava ser retomado, agora no corpo da intérprete, em sua carne, a partir das palavras impressas, mas não só.

Exercício: transpor para a cena um pequeno romance. Odete, a mulher imaginada desde a infância que se insinuara em minha vida retorna: sua presença diáfana voltara a ser percebida por mim como há alguns anos não acontecia.

Não era da história que eu precisava: eu precisava tocar com meu corpo essa personagem que eu já conhecera na escrita. Sendo isso inevitável escolhi alguns trechos do livro e comecei a trabalhar.

Separei personagem da intérprete narradora para compor partituras corporais que identificassem uma e outra, pensando sempre em como o público poderia entender um intricado de poesia sem muita lógica se não existissem códigos claros. Logo percebi que a personagem não necessitava da fala, ela falava por sua própria presença; então passei a caminhar em busca da mais aguda simplicidade misturando intérprete e personagem no mesmo corpo cênico notando o quanto deveria contar minha própria história junto com a dela: recordações de infância, de um lugar muito antigo, no qual eu começara a pensar nela, e ela, a existir em mim.

“A invenção do mar” não precisaria de figurino, apenas de uma roupa de serviço e de uma boneca; mas seria fundamental sim o aconchego do palco da Fundação das Artes de São Caetano do Sul inteiramente vazio e a proximidade do público, de luz e de duas músicas que foram, “por acaso”, lembradas. Seria dessa maneira que eu me atreveria a conhecer Odete como extensão da minha carne:

*“Coisa entre coisas, meu corpo é aquela que também pode ver e tocar. Se apalpa e vê as coisas é porque, pertencendo à mesma família dos visíveis e tangíveis, usa seu ser como meio para participar do delas. Meu corpo é essa coisa visível que se põe a ver, de sorte que o corpo vidente e a coisa vista não são apenas complementares, mas diferenciações de um mesmo tecido, parecem feitos de um mesmo estofa, que partilham a mesma carne”<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Frayze-Pereira, João A.; "Arte, Dor – Inquietudes entre Estética e Psicanálise", cap. "O corpo como obra de arte: a unidade no múltiplo". Cotia, SP; Ateliê Editorial, 2005. P.173

Durante uma semana de ensaios quando tudo se definia, recebi os primeiros olhares, visto que eu não era dirigida por ninguém. O que passou a importar então foi essa presença que emitida da cena toca outro olhar, o olhar que observa. E o que passa a interessar é essa troca na qual nunca se saberá o que foi trocado de fato, entre tantas coisas invisíveis das quais pode um corpo, em sua tremenda materialidade, falar.

O corpo, solto a mercê de si mesmo no espaço de ser visto, de ser recebido como outro eu, ou de existir nesse tempo precário que é o de ser obra em vida e pelo tempo determinado de uma ficção, é convite explícito: deixando-se invadir e invadindo, perguntando e respondendo uma lista infundável de mudas perguntas, tão sem respostas tantas delas, é, em si mesmo, a obra que pode compartilhar com a platéia mais do que intencionou compartilhar.

O que intenta um corpo tornado objeto da arte? Corpo que, sem deixar de ser carne, pulsação e sangue permite-se atravessar o tempo entregue que fica à extensa e intensa rede de significações que envolvem seu próprio contorno e existência?

A tessitura cênica avança em sua complexidade midiática aglutinando aquele que age e o que assiste no mesmo fenômeno do não dito, do não sabido: a profunda experiência de viver. E se os trajetos percorridos pelo artista nos processos todos do criar arranham o fundo das coisas intangíveis que a ele pertencem por passado e por destino, mesmo que por acaso, coisas pertencentes ao vão comum de onde a humanidade em todos nós se alicerça; se isso foi tocado, há como que um legado, uma aderência ao corpo, uma consequência do tocado que restará ali, tão exposta quando resguardada em sua energia visceral e que não será ignorada pela platéia.

Esse corpo que tece as teias que se intercomunicam de um eu para o mundo e do mundo para o eu em retornos constantes de maior ou menor compreensão, esse corpo que se apresenta como um si mesmo e como um duplo que exercita e vive sua loucura, a loucura causada pela solidão, pelo abandono e pelo vazio que só a dor mais profunda comporta é parte da carne do mudo, desse tecido que a todos e a tudo interliga.

E enquanto Odete em sua loucura de não louca caminhava pelo palco em não lugares que a nós não pertenciam nem pertenceriam, ou quem sabe no futuro haverão de pertencer, os olhares absortos da platéia encontravam os olhos atentos da intérprete,

vazia de si e de tudo, sabendo sim que aquele era um traçado de ficção do qual só agora tomava consciência por inteiro, trafegando em ondas de som e magia, nos passos programados das partituras, nos giros ensaiados, nas trilhas de luz, jogando o rosto num foco, as mãos procurando outros rastros luminosos num mundo recriado, não o da realidade dos textos, e esse mar inventado na carne rodava mundos à procura de contato, do calor de outras eras onde a solidão e a injustiça pudessem deixar de existir.

E então chega o momento de nos perguntarmos: como se realiza a leitura de uma obra em movimento, de uma obra não definitiva como um livro ou uma obra de arte presente num museu e que poderá ser visitada e lida inúmeras vezes, que se apresentará sempre ali, sempre igual à espera do leitor, mas de uma obra que se constrói no tempo de sua representação caminhando atravessada pelo tempo para o seu próprio fim.

Como se apresenta esse leitor frente ao que vai sendo desenhado pela presença viva e próxima de um corpo, de um rosto, de gestos que se alinhavam tão perto, e que ao mesmo tempo vão passando sem que se possa tornar a ver, sem que se possa repetir o que passou.

O espectador lê o espetáculo. E é a partir desse trabalho de leitura que se torna co-criador. Assim completa-se o ciclo de uma obra que só existe em companhia de seus co-criadores e se mantém, apesar de sua manifesta impermanência, em outros corpos, outras vidas, outros sentidos e memórias, quase num para sempre.